

## **Desafios e possibilidades da extensão universitária diante do COVID-19: análise do projeto “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana”**

*Challenges and possibilities of the practice of university extension facing COVID-19: analysis of the extension project “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana”*

*Desafíos y posibilidades de la práctica de la extensión universitária dado el COVID-19: análisis del proyecto de extensión “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana”*

Junia Maria Lima Ferrari<sup>1</sup>  
Beatriz Ribeiro Bartholo<sup>2</sup>  
Maria Isabel Teresa Santana<sup>3</sup>  
Helena Carvalho Coelho<sup>4</sup>

**Resumo:** A extensão universitária baseia-se na aproximação entre universidade e sociedade civil, prática que tem sido reinventada em decorrência da atual exigência de isolamento social por causa da COVID-19. Considerando esse cenário e a limitação de experiências remotas de extensão, este artigo pretende, a partir do projeto de extensão “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana” do LabUrb da Escola de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFMG, discutir desafios e possibilidades para a prática da extensão universitária diante dessas restrições. Espera-

---

<sup>1</sup> Arquiteta Urbanista, Professora Doutora do Depto de Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EAUFMG). Coordena o Laboratório de Estudos Urbanos e Metropolitanos (LAB-URB) da EAUFMG e é pesquisadora do Núcleo RMBH do INCT/Observatório das Metrôpoles. Atualmente trabalha um projeto de extensão voltado para os municípios da região do Parque Nacional da Serra do Gandarela, onde tem procurado discutir com parceiros e comunidades locais os desafios no enfrentamento das atividades minerárias, bem como os riscos e impactos decorrentes dessas práticas na região. E-mail: juniaferrari15@gmail.com. Orcid: 0000-0002-1534-5621.

<sup>2</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EAUFMG). É voluntária há um ano (2019) na pesquisa de iniciação científica “Ordenamento Territorial e Conservação Ambiental: estudo de caso do Parque Nacional da Serra do Gandarela” e bolsista (2020) do projeto de extensão “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana” com foco nos municípios da região do PNSG do Laboratório de Estudos Urbanos e Metropolitanos da EA/UFMG. Email: beatrizrbartholo@ufmg.br. Orcid:0000-0003-4811-0607.

<sup>3</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, no turno noturno, pela Escola de Arquitetura Urbanismo e Design da Universidade Federal de Minas Gerais (EAUFMG). É voluntária desde 2018 no projeto de extensão “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana” com foco nos municípios de Raposos e na região do Parque Nacional da Serra do Gandarela do Laboratório de Estudos Urbanos e Metropolitanos da EA/UFMG. Pesquisadora voluntária do projeto de iniciação científica “Decifração das Cadernetas de Campo da Comissão Construtora da Nova Capital”, do Laboratório Morar de Outras Maneiras da EA/UFMG. E-mail: maria.isabell16santana@gmail.com. Orcid:0000-0002-4571-570X.

<sup>4</sup> Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles Núcleo RMBH. Bolsista CAPES. E-mail: helenacarvalho9@gmail.com. Orcid: 0000-0003-0883-4264.

se, assim, discutir algumas possibilidades para essas práticas, mesmo que com imposições, de forma a garantir sua necessária continuidade seja no sentido de preservar as relações desenvolvidas com as comunidades parceiras, seja contribuindo para a rede de proteção dessas localidades. A discussão está aqui fundamentada nas experiências da disciplina extensionista, especialmente no evento “Diálogos Metropolitanos: Travessia do Parque Nacional da Serra do Gandarela 2020”, promovido pela equipe de parceiros da disciplina.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Covid 19; Universidade Pública; Território; Serra do Gandarela.

**Abstract:** The university extension is based in the proximity between university and civil society, and this practice has been reinvented due to the current need for social isolation because of COVID-19. Considering this scenario and the limitation of remote extension experiences, this article intends, from the extension project “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana” of Escola de Arquitetura Urbanismo e Design of UFMG’s LabUrb, to discuss the challenges and possibilities of the practice of university extension facing these restrictions. With that, it hopes to demonstrate the possibility of the extensionist practice, understanding its viability, despite all the impositions. Furthermore, guaranteeing its necessary continuity, in the sense of preserving the relationships developed with the partner territories so far and contributing with these locations’ protection network. In order to substantiate the discussion, the extension projects’ partner-promoted event “Diálogos Metropolitanos: Travessia do Parque Nacional da Serra do Gandarela 2020” depositions and propositions were used.

**Key-words:** University Extension; Covid-19; Public University, Territory; Serra do Gandarela.

**Resumen:** La extensión universitaria se basa en la aproximación entre la universidad y la sociedad civil, práctica que ha sido reinventado en resultado de la actual exigencia del aislamiento social debido a COVID-19. Considerando este escenario y la limitación de las experiencias remotas de extensión, este artículo pretende, desde el proyecto de extensión “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana” del LabUrb de la Escola de Arquitetura Urbanismo e Design da UFMG, discutir los problemas y posibilidades de la práctica de la extensión universitaria delante esas restricciones. Se espera, con esto, demostrar la posibilidad de la práctica extensionista, y comprender que esto puede ser factible, incluso con todas las imposiciones. Además, se puede garantizar su necesaria continuidad, en el sentido de preservar las relaciones con los territorios

asociados hasta entonces y contribuir con la red de protección de estos lugares. Para apoyar una discusión, se recogieron testimonios y propuestas del evento “Diálogos Metropolitanos: Cruzando el Parque Nacional Serra da Gandarela 2020”, promovidos por el equipo de socios que apoyan la disciplina.

Palabras-llave: Extensión Universitaria; COVID-19; Universidad Pública, Territorio; Serra do Gandarela.

## 1. Introdução

A universidade pública no Brasil está firmada sobre três pilares fundamentais - o ensino, a pesquisa e a extensão<sup>5</sup>, sendo esta impulsionada a partir da criação do CODAE - Coordenação de Atividade de Extensão na década de 60 (KOCHHANN, 2017), e pelos recursos propiciados pela Constituição Federal do Brasil em 1988 (FORPROEX, 2012). Nesta trajetória, a extensão universitária tem trabalhado com comunidades em vários pontos do território brasileiro, estabelecendo parcerias nas áreas de saúde, engenharias e arquitetura, música e artes, assistência social, dentre outras. Nessas experiências, a aproximação sempre foi condição essencial, pois essas práticas são fundamentadas em ações cujo princípio orientador é justamente o compartilhamento e a interação entre os parceiros.

Entretanto, desde o início da pandemia da COVID-19, que impôs a todos o isolamento social, o formato das atividades acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão) sofreu uma ruptura e novas formas de trabalho têm sido buscadas. No que diz respeito às práticas extensionistas, um grupo de pesquisadores do Laboratório de Estudos Urbanos e Metropolitanos (Lab-Urb) da Escola de Arquitetura da UFMG tem buscado redesenhar seu projeto - Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana - desenvolvido com parceiros de municípios da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), de maneira a dar prosseguimento aos trabalhos realizados desde 2016.

Nesta discussão pretende-se, tendo como referência uma das experiências desse projeto extensionista, discutir algumas possibilidades para a prática da extensão universitária diante dos desafios impostos pelo isolamento social. Para fundamentar a discussão utilizou-se como

---

<sup>5</sup> A importância da pesquisa, ensino e extensão no processo de educação das Universidades Públicas brasileiras é oficializada pela primeira vez em 1931, com o Decreto nº 19.851 que caracteriza ainda a extensão como a “prática de conhecimentos filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo” (BRASIL, 1931).

metodologia a análise dos depoimentos coletados durante o evento online: “Diálogos Metropolitanos - Travessia do Parque Nacional da Serra do Gandarela 2020”, organizado pela equipe de pesquisadores do Lab-Urb e da ONG Casa de Gentil, responsáveis pela organização da Travessia do Parque Nacional da Serra do Gandarela ocorrida no ano de 2019. O áudio do evento foi gravado pelo celular mediante consenso dos participantes<sup>6</sup>, e foi posteriormente transcrito pela plataforma online *OTranscribe*. O conteúdo foi então transferido para o *Google Docs* e sistematizado a partir de uma tabela “código/categorias” a fim de organizar os temas tratados por assunto durante o evento. Ainda acerca do evento online, foi desenvolvido um formulário de avaliação por meio da plataforma *Google Forms* - enviado para os participantes cadastrados previamente -, e a partir do qual foi possível complementar o registro das experiências relacionadas ao projeto de extensão.

Na sequência, aborda-se a importância da extensão universitária no contexto brasileiro, bem como um breve histórico sobre sua implantação na cena acadêmica. Em seguida, o texto detalha algumas ações e transformações que marcaram a história do projeto de extensão Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana, a fim de contextualizar a discussão que se segue, a saber, sobre a experiência em redesenhar as formas de aproximação com as comunidades parceiras do referido projeto. Espera-se, com isso, destacar a importância em se manter a continuidade da extensão, bem como apontar alguns caminhos possíveis diante do atual momento, e que também podem ser incorporadas ao repertório das práticas extensionistas quando as dificuldades de aproximação se impuserem, sejam elas pela distância, pela falta de recursos ou outro motivo qualquer. Finalmente, o texto encerra com algumas considerações que buscam trazer novas e necessárias reflexões sobre o tema.

## 2. IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A extensão universitária no Brasil foi incluída oficialmente como parte das atividades acadêmicas das universidades públicas em 1931, com o Estatuto da Universidade Brasileira, apesar de se ter registros dessas práticas no Brasil desde o início do século XX (MIGUENS JR; CELESTE, 2014). O objetivo era criar mais uma ferramenta para a difusão dos conhecimentos acumulados em diversas áreas da universidade e que pudessem fomentar ações integradas à sociedade. Nas décadas

---

<sup>6</sup> Foi preservada a identidade dos participantes nesses relatos, utilizando-se a referência “Participante” seguido do número, de acordo com a ordem de utilização das citações no artigo.

de 1940 e 1950, poucos avanços foram registrados em relação à implantação de práticas extensionistas nas universidades públicas brasileiras, mas na década de 1960 essas ações ganham fôlego nas instituições de ensino superior (MIGUENS JR; CELESTE, 2014), tendo como referência para essas práticas o Método Paulo Freire. Segundo Kochhann (2019, p.87):

[...] Freire apresenta uma epistemologia de formação humanizada e humanizadora para além dos espaços da sala de aula e rompendo com o pragmatismo e o tecnicismo do uso do livro didático, partindo da prática social e chegando à prática social. Além disso, considerava o ser omnilateral, pautado na necessidade de emancipação dos homens perante a relação opressora que o capitalismo impunha aos trabalhadores e, para tanto, a consciência dessa 88 relação era primordial e propiciaria o rompimento com a estrutura social opressora. Freire abre caminhos para se pensar em outros espaços de formação crítica, política e social, sendo basilar para pensarmos nos projetos políticos de emancipação, pois, conforme Gadotti (2010, p. 306) “não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar. [...]

Assim, de forma diversa ao assistencialismo, marcado pela referência às ações religiosas, a extensão adota a proposta freireana em várias de suas frentes. Em outros termos, há um alinhamento maior às práticas pautadas pela assessoria, ou seja, por um acompanhamento pautado em trocas de aprendizados e não apenas no provimento de bens materiais (FREIRE, 2002).

Os movimentos estudantis representados pela União Nacional dos Estudantes (UNE) tiveram importante papel nessa época associando um tom político à essas práticas de extensão universitária, na medida em que propiciavam encontros entre os universitários e a realidade dura de várias comunidades brasileiras. No período seguinte, durante a ditadura Militar, foi desmontado todo tipo de mobilização de caráter político e o governo passa a priorizar a extensão voltada para a prestação de serviços e/ou de cunho assistencialista e voluntário (KOCHHANN, 2017). Outro marco importante foi em 1975, com a criação da Coordenação de Atividade de Extensão (CODAE) que reforçou a institucionalidade das atividades extensionistas e a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão no âmbito nacional.

Em 1987, já encerrado o período da ditadura militar e iniciado o processo de abertura política, foi criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX)<sup>7</sup> dando continuidade ao processo de consolidação da extensão nas universidades públicas brasileiras (KOCHHANN, 2017). Esse Fórum atuou recentemente (2018) na construção

<sup>7</sup> O FORPROEX consiste em um encontro anual dos Pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. As cidades-sede são rotativas, e mudam a cada ano, sendo que a escolha da cidade-sede se dá por voto no fórum do ano anterior. Participam os pró-reitores das Instituições de Ensino Superior Públicas (IESPs) de todo o país, e o principal objetivo é traçar as diretrizes e fomentar cada vez mais, em âmbito nacional, a extensão universitária. O órgão também é responsável por regulamentar a extensão no sentido de financiamento, editais, fins, etc. (FORPROEX, 1987)

de uma resolução homologada pelo MEC<sup>8</sup> que dispõe de parâmetros de avaliação e planejamento das atividades extensionistas no Ensino Superior, decretando a necessidade de se cumprir, no mínimo, 10% da carga horária curricular com atividades de Extensão nas universidades públicas brasileiras. Nesse sentido, percebe-se que a extensão tem assumido cada vez mais uma posição de destaque na cena acadêmica ao se consolidar como uma oportunidade para o compartilhamento de saberes entre universidade e sociedade civil, especialmente no sentido de proporcionar uma compreensão mais aprofundada dessas comunidades para os estudantes e docentes envolvidos.

### **3. CONSTRUINDO LUGARES DA URBANIDADE METROPOLITANA**

O projeto de extensão Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana tem sido desenvolvido desde o primeiro semestre de 2016 na Escola de Arquitetura da UFMG, e tem como fundamento a ênfase nas ações voltadas para temáticas sociais, ambientais e culturais das comunidades parceiras visando a transformação social (FRIEDMANN, 1991). Ou seja, a ação compartilhada associada ao conhecimento de todos os envolvidos como forma de transformação social. Alinhadas a esse princípio, as disciplinas extensionistas vinculadas ao projeto incentivam ações pactuadas entre todos os envolvidos (comunidades parceiras e academia) apostando sempre no compartilhamento como opção de trabalho (LIMA et al, 2018).

Ao longo desses anos, o projeto sofreu algumas mudanças em sua metodologia e formato em função das diferenças entre as comunidades parceiras e das condições oferecidas pela universidade para a participação dos discentes. Essa flexibilidade na condução dos projetos é um critério essencial à atividade extensionista, uma vez que permite adaptar os métodos de trabalho aos locais e grupos trabalhados e às condições e oportunidades de cada momento, potencializando as trocas e os aprendizados entre os envolvidos.

Inicialmente, o projeto de extensão tinha como objetivo criar os Lugares de Urbanidade Metropolitana (LUMEs) propostos pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PDDI-RMBH)<sup>9</sup>, desenvolvido por uma grande equipe de

---

<sup>8</sup> BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018. Estabelece as diretrizes para a extensão da Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014 -2024 e dá outras providências.

<sup>9</sup> O PDDI-RMBH (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte) consiste em um instrumento de planejamento metropolitano desenvolvido entre 2009 e 2011 determina grandes linhas de ação e busca construir um processo de planejamento com ênfase na redução das desigualdades socioespaciais, a partir da ação de diferentes de agentes sociais como sociedade civil, órgãos federais e organizações empresariais (UFMG, 2011). Mais informações podem ser acessadas pelo portal da RMBH: <http://www.rmbh.org.br/>

professores e pesquisadores da UFMG, PUC-Minas e UEMG, sob a coordenação da UFMG. Segundo o PDDI, os LUMEs deveriam ser espaços físicos e virtuais que promovessem instâncias continuadas de discussão sobre as cidades e a RMBH, a partir de uma articulação entre Universidade Pública, Prefeituras municipais e sociedade civil (UFMG, 2011). Alinhados a esses princípios, os três primeiros semestres (2016/01, 2016/02 e 2017/01) da disciplina extensionista ocorreram a partir de uma parceria firmada entre professores da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) e da Escola de Arquitetura, ambas da UFMG. Neste primeiro formato, ainda vinculado ao projeto dos LUMEs, os estudantes realizavam visitas de campo às comunidades parceiras em diversos municípios da RMBH a fim de conhecer suas realidades e demandas. A partir desses contatos desenhavam-se as ações e intervenções a serem desenvolvidas no semestre, sempre alinhadas aos interesses locais e à capacidade operacional e de conhecimento da universidade naquele momento<sup>10</sup>. No entanto, como essas visitas ocorriam esporadicamente em decorrência da grade curricular e dos recursos disponíveis, essa aproximação se dava de forma limitada.

A partir do segundo semestre de 2017, entretanto, com a criação de um formato diferenciado de extensão ofertado por um edital da PROEX/UFMG<sup>11</sup>, foi possível criar um novo desenho para a disciplina. Ao invés das visitas de campo esporádicas a disciplina passou a contar com 'módulos de imersão', que consistiam em períodos de permanência dos discentes e docentes nos municípios parceiros ao longo de cinco dias contínuos. Essas imersões foram possíveis pela flexibilização da grade curricular, por recursos disponibilizados a partir do referido edital e por parcerias que se firmaram com a comunidade local, fornecendo lugares de moradia temporária aos alunos e docentes. Essas mudanças foram fundamentais para o processo, pois permitiram uma significativa melhora na compreensão da realidade local, bem como a criação de vínculos e trocas tanto entre os próprios estudantes, quanto com as comunidades parceiras. Além disso, o fato dos estudantes passarem mais tempo no município, com intervalos menores entre cada imersão, evitou que houvesse desmobilização e garantiu maior envolvimento com a cidade e com o projeto. Por outro lado, o convívio com estudantes e professores desconstruiu um certo mito em torno do saber acadêmico favorecendo uma maior aproximação das comunidades com o ambiente universitário.

---

<sup>10</sup> Importante registrar que nessa disciplina participavam alunos de diversos cursos da UFMG, o que diversificava, a cada semestre, as áreas de conhecimento que interagiam nessas ações.

<sup>11</sup> A UFMG oferta, desde 2017, editais que buscam fomentar a prática da extensão como “Formação em Extensão Universitária”, ou seja, a oferta de disciplinas extensionistas como mecanismo para integralização de créditos em cursos de graduação (LIMA et al, 2019). Essa medida serviu como incentivo à participação dos estudantes de cursos de graduação em projetos de extensão, uma vez que forneceu recursos para viabilizar as imersões nas comunidades.

Isso refletiu em ações criativas e muito participativas.

Importante registrar que essas ações eram definidas a partir do encontro entre os 'desejos' de todos os envolvidos - comunidades e academia. Ou seja, era preciso que as demandas postas pelos participantes locais se encontrassem com os interesses dos estudantes e professores, caracterizando um compartilhamento de desejos. Dessa forma, procurava-se evitar ações de cunho assistencialista, caracterizadas por LIMA et al (2019, p. 1) como “o modelo de atuação no qual a academia se volta essencialmente para o atendimento das demandas de uma determinada comunidade, sem refletir sobre a relação entre essas ações e os desejos da equipe de trabalho”, ou paternalista "no sentido de atender o que os interesses da academia sem considerar a realidade e as demandas das comunidades envolvidas" (LIMA et al, 2019, p.1). Acredita-se que somente a partir desse encontro de desejos é possível propor práticas efetivas de extensão, com resultados de fato transformadores para todos os envolvidos.



**Figura 1** – Reunião de trabalho com a equipe da UFMG e os moradores de Raposos UNI009 2017/2;  
**Foto:** Luisa Greco, Raposos, 2017



**Figura 2** – Reunião comunitária para apresentação de trabalhos da disciplina UNI009 2018/1;  
**Foto:** Raquel Carvalho, Igreja Matriz, Raposos, 2018

Outra mudança importante nos procedimentos da disciplina foi em relação à quantidade de municípios parceiros. A partir do segundo semestre de 2017, a disciplina deixou de atuar em vários locais simultaneamente e se concentrou em Raposos, cidade integrante da RMBH onde está sediada, desde 2012, a ONG Casa de Gentil, parceira do projeto de extensão desde 2016.

De acordo com Lima (2020), no primeiro semestre de 2019, com o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão em Brumadinho/MG, e com a publicização da existência de três barragens de rejeitos em condição de alerta máximo e bem próximas ao município de Raposos, o enfoque das atividades extensionistas se voltou para o tema da mineração, uma vez que a iminência de um desastre de grandes proporções passou a ameaçar a rotina da população<sup>12</sup>. Diante disso, os trabalhos se voltaram para criar espaços de discussão sobre o tema, especialmente junto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas do município. O objetivo passou a ser discutir os efeitos da mineração na cidade, tendo como pontos de partida a dimensão dos impactos das barragens de rejeitos sobre o território e a atuação histórica desse setor na região.

---

<sup>12</sup> Vale ressaltar que a história do município está intrinsecamente ligada à mineração. Desde sua fundação no final do século XVII e, de forma mais agressiva, a partir de 1832, quando ali se instalou a Saint John Del Rey Mining Company, atual AngloGold, que manteve suas operações no município até o ano de 1998, quando encerrou suas atividades da mina de Raposos. Este fato levou a uma significativa retração da economia local, com impactos que repercutem até hoje na dinâmica do município.

Nessas discussões, também foram apresentadas as potencialidades do município que possui uma parte significativa de seu território ocupada pelo Parque Nacional da Serra do Gandarela. Entendendo que naquele momento era importante dar destaque aos aspectos positivos do município, de maneira a apontar caminhos possíveis e alternativos às práticas de mineração, este tema tomou dimensão central na disciplina, contrapondo a riqueza ambiental da região ao discurso histórico da mineração.



**Figura 3** – Reunião de alunos da UFMG e membros da sociedade civil de Raposos na ONG Casa de Gentil, UNI009 2019/1;

**Foto:** Júlia Marion, Casa de Gentil, Raposos, 2019.

No segundo semestre de 2019, ainda em parceria com a Casa de Gentil, a disciplina deu continuidade às discussões relativas à importância ambiental da região. O Parque Nacional da Serra do Gandarela (PNSG) seria o tema central, mas mantendo-se o caráter imersivo da disciplina, o que significava mobilizar o grupo para percorrer e permanecer na área do Parque por um período prolongado. Importante registrar que a região do PNSG, como apontado mais adiante, encontra-se diretamente ameaçada pela ação de atividades minerárias, uma vez que engloba parcela significativa das áreas de cangas ferruginosas, formação geológica característica pela elevada concentração de ferro, mas que também é essencial para a formação de um importante manancial, guardando importante aquífero em seu subsolo.

A disciplina foi organizada em dois momentos: o primeiro incluiu alguns encontros preparatórios, dentro da universidade, com o objetivo de trazer informações importantes sobre a região (leitura físico-ambiental com abordagem sobre a geologia e geomorfologia da área, dentre outros aspectos) e preparar os estudantes e apoiadores para a travessia no Parque. O segundo momento, por sua vez, foi a realização dessa travessia a partir de um percurso de cerca de 70 km - que saía do município de Raposos e, a partir de uma caminhada pelo Parque, alcançava o município

de Ouro Preto, por 4 dias consecutivos.

A experiência foi essencial para o grupo adquirir uma compreensão mais aprofundada do território, de suas disputas e potencialidades, além de permitir a aproximação entre representantes do meio acadêmico, de agentes locais, além de dirigentes do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) - instituição federal responsável pela administração do Parque. Tudo isso sob a coordenação de uma equipe formada por professores da UFMG e dirigentes da ONG Casa de Gentil, estes últimos responsáveis pelo desenho do percurso e pela condução do grupo nas trilhas. Ademais, a imersão no território permitiu uma maior compreensão da importância social, política e econômica da região, além de aprofundar a relação entre todos os envolvidos - pessoas do meio universitário e do território produzindo laços transformadores entre os 'travessantes', como descreve uma das participantes do evento:

[...] uma palavra que vem muito na minha cabeça quando eu penso nessa travessia é o afeto né? Que é tanto o amor por pessoas que a gente construiu enquanto grupos, quanto o afeto pelo território. E o quanto isso me deu força, tanto quando a gente caminhava por aquelas montanhas, me fez ter forças para vivenciar o que veio depois também né?” (Participante 1, relato retirado da transcrição)



**Figura 4** – Caminhantes da Travessia Gentil-Gandarela, UNI009 2019/2;  
**Foto:** Ernane Ramos, 2019.



**Figura 5** – Caminhantes da Travessia Gentil-Gandarela, UNI009 2019/2;  
**Foto:** Maria Isabel Tamião, 2019.

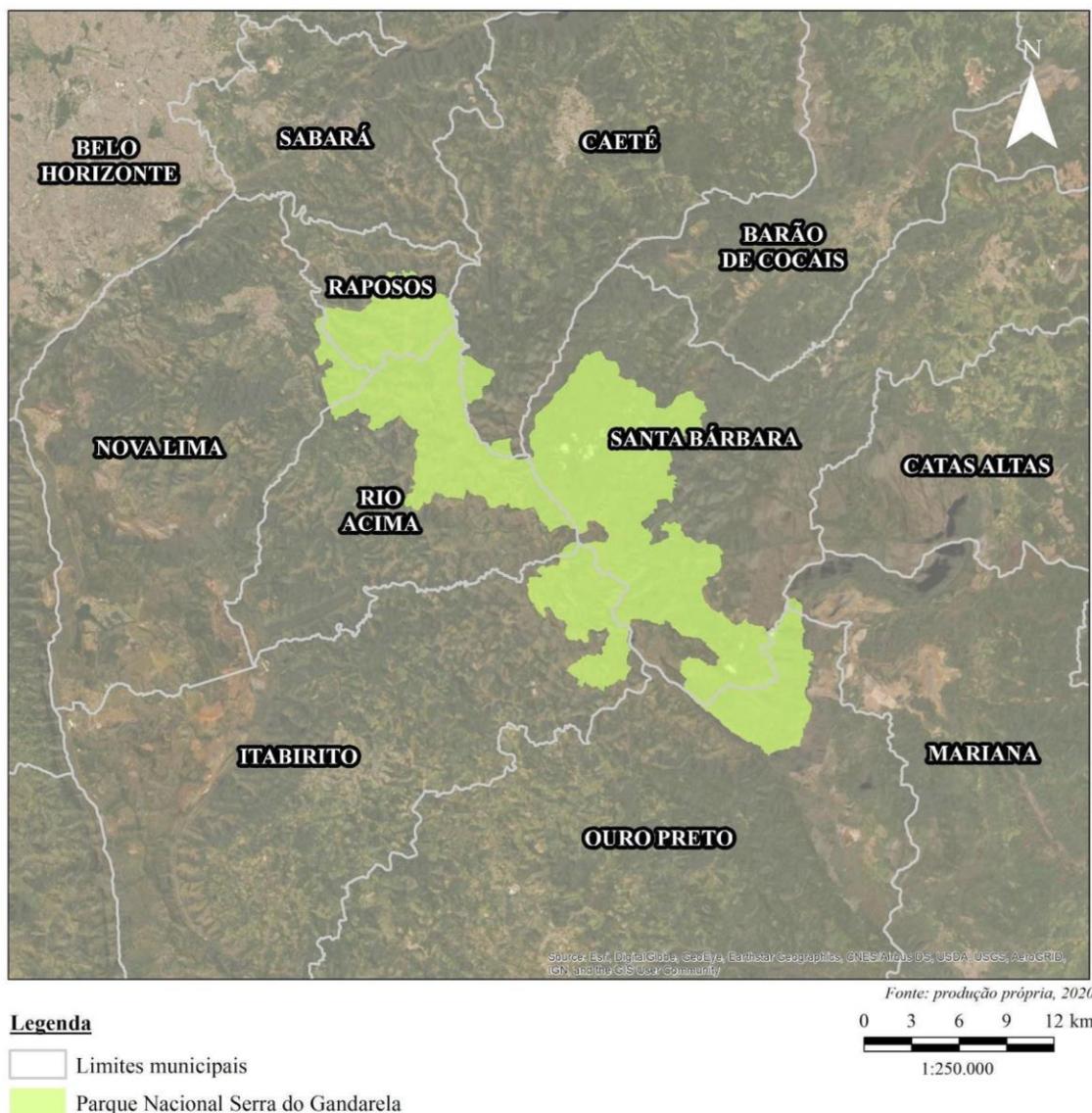
Para o primeiro semestre de 2020 estava planejada uma segunda Travessia, desta vez com enfoque (e paradas) nas comunidades que circundam o PNSG, e que por isso são diretamente afetadas pelas práticas minerárias na região. O percurso incluiria os territórios de Raposos, Morro Vermelho (Caeté) e André do Mato Dentro (Santa Bárbara), e foi decidido em acordo firmado anteriormente com as comunidades locais, em visita realizada pela equipe de extensão juntamente com a Casa de Gentil, no início de 2020.

Com a pandemia de Covid-19 e consequente suspensão das atividades acadêmicas da UFMG, os planos da Travessia tiveram que ser suspensos, uma vez que o isolamento social foi imposto como uma das condições para se evitar o contágio. No caso da disciplina, isso envolveria riscos não apenas para discentes, docentes e colaboradores, mas também para as comunidades parceiras. Assim, a equipe passou a buscar novas formas de aproximação que pudessem dar continuidade ao projeto, bem como à necessidade de maior visibilidade à região do Parque, pois as atividades de mineração não foram interrompidas por causa da COVID-19. Pelo contrário, conseguiram manter suas atividades como sendo 'essenciais' e, por isso, não poderiam ser interrompidas.

### **3.1 O Parque Nacional da Serra do Gandarela “Ganda”: geografia e ameaças ao território**

O Parque Nacional da Serra do Gandarela faz parte da cadeia montanhosa do Espinhaço,

especificamente da porção denominada como Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, e se sobrepõe aos municípios de Nova Lima, Raposos, Caeté, Rio Acima, Santa Bárbara, Itabirito, Ouro Preto e Mariana. O Parque foi criado em 2014, depois de um longo processo de disputa e totaliza, no atual limite, cerca de 31.000 hectares (BRASIL, 2014). Apesar da proximidade com importantes centros urbanos, como a região metropolitana de Belo Horizonte, há ainda locais bem preservados na região, especialmente em relação ao geossistema de cangas e às áreas remanescentes de Mata Atlântica (BRASIL, 2010), fato que torna essencial a aplicação de medidas protetivas para preservação da região.



**Figura 6** – Localização do PNSG com relação aos municípios vizinhos; **Foto:** Maria Isabel Tamião, 2020.

Da mesma forma que outras áreas do Quadrilátero Ferrífero, a região da Serra do Gandarela apresenta um diverso substrato geológico que proporciona uma significativa biodiversidade (LAMOUNIER et al., 2011) e ainda conta com a presença de espécies raras ou em extinção (MENDONÇA; LINS, 2000), impulsionadas pelas condições de transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica. A diversidade dos tipos rochosos influencia também nas características espeleológicas e paleontológicas da região, que se destaca pelo número de cavidades naturais (BRASIL, 2010) e pelos registros de diferentes épocas geológicas (MAIZATTO, 2001). Em relação aos aspectos geológicos, destacam-se ainda as áreas significativas de campos ferruginosos, ou cangas, cruciais para as recargas dos mananciais da região, mas que também atraem o interesse minerário por concentrarem grande quantidade de ferro. Considerando a importância e historicidade da mineração para o cenário brasileiro (GUDYNAS, 2013) e, especificamente, para o estado de Minas Gerais, a conservação dos recursos naturais é um potencial conflito.

A exploração mineral coloca em risco a qualidade das águas da região, primordiais para o abastecimento das Bacias Hidrográficas do Rio Doce e do Rio São Francisco, que contribuem ainda para parte significativa do abastecimento de municípios como Belo Horizonte, Raposos, Rio Acima e Caeté (BRASIL, 2010). Além disso, um outro ponto ameaçado é o potencial turístico da região impulsionado pela abundância de recursos hídricos associada às condições geomorfológicas, que permitem uma riqueza de cenários, principalmente por meio de quedas d’água (LAMOUNIER et al, 2011). A exploração da área compromete também a conexão entre a Reserva de Particular do Patrimônio Natural do Santuário do Caraça e a Floresta Estadual do Uiamií, determinada pela aplicação da Trama Verde e Azul<sup>13</sup> no Macrozoneamento da RMBH (UFMG, 2014).

Considerando o interesse minerário na região associado ao esvaziamento dessas discussões neste momento de pandemia, fragilizam-se as ações reivindicatórias da população e, conseqüentemente, podem-se criar oportunidades para flexibilizações ambientais da área. Por isso, urge a reflexão de como atuar, ainda que distante dos territórios, de maneira a fortalecer a resistência e sobrevivências dessas áreas e desses povos.

---

<sup>13</sup> O conceito Trama Verde e Azul surge pela primeira vez em 2010 por Bassin Minier (MBM-NPC, 2010) e consiste na articulação entre a perspectiva ecológica e a perspectiva geográfica, considerando os interesses de proteção da biodiversidade, a valorização da paisagem e melhoria da qualidade de vida por meio de manchas e corredores. Esse conceito foi adotado na elaboração do PDDI-RMBH e desenvolvido a partir da delimitação de áreas interligadas denominadas Zonas de Interesse Metropolitano (ZIM) no Macrozoneamento-RMBH (UFMG, 2014). Dessas, destaca-se a a ZIM-Gandarela, referente à parte da região da Serra do Gandarela.

#### 4. BUSCANDO NOVOS CAMINHOS PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

[...] Pois é, acho que a gente precisa é... Aprofundar agora no sentido de que a quarentena a gente sabe que não é uma coisa que vai ser rápida, o horizonte é, é longo, é muito indefinido né, atividades presenciais hoje mesmo eu recebi que o pessoal da Universidade de Cambridge não consegue pensar em atividade presencial até dezembro de 2021 [...] (Participante 2, relato retirado da transcrição)

“Essas pessoas em pé é tão importante quanto a floresta, a serra em pé né? Sem as pessoas, o território se esvazia e essa é uma das estratégias também da mineração, né” (Participante 3, relato retirado da transcrição)

Do desejo e necessidade de dar continuidade ao projeto, ainda que confrontados com a imposição do isolamento social - “fique em casa” -, associadas ao desejo dos parceiros em manter as discussões e práticas surge a urgência em se buscar novas formas de aproximação para as atividades de extensão durante a pandemia. Essas práticas, tal como mencionado anteriormente, baseiam-se na permanência e contato aproximado com comunidades e territórios, o que implica na necessidade em encontrar formas de superar esse isolamento.

Antes mesmo da pandemia, a universidade já vinha enfrentando alguns desafios decorrentes de cortes de verbas impostos por decretos e ações do Legislativo e do Executivo<sup>14</sup> e que impactaram no número de bolsas de pesquisa e de extensão, afetando a disciplina no que diz respeito aos recursos antes destinados às atividades externas<sup>15</sup>. Em que pese as circunstâncias vividas nesses últimos 5 anos, com cortes de verbas e paralisações de atividades, era inimaginável um desafio da dimensão provocada pela pandemia (COVID-19) no início do ano letivo de 2020. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) a paralisação das atividades presenciais ocorreu, oficialmente, dia 18 de março de 2020.

Com a pandemia e o novo “anormal”, a necessidade de adequação às tecnologias digitais passou a ser urgente. Na área da educação, o ano de 2020 foi um marco na reinvenção dos modelos de ensino e aprendizagem e na exaltação das diferenças, especialmente no que diz respeito aos discentes das escolas públicas. De um lado aqueles que têm acesso à tecnologia e internet e, de outro, a realidade de muitos brasileiros, ainda sem acesso (ou acesso limitado) à internet, smartphones e computadores.

<sup>14</sup> Nesse sentido, têm-se como maior exemplo a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 (posteriormente PEC 55), PEC do Teto do Gasto ou PEC do Fim do Mundo, em 2016 durante o governo Michel Temer, que congelava os gastos públicos por 20 anos.

<sup>15</sup> Segundo reportagem da Folha de São Paulo<sup>#</sup>, assinada por Fernanda Canofre, César Rosati e Paula Sperb, apenas em 2019 houve um bloqueio de 44% da verba nas universidades. Em valores corrigidos, a diferença entre o orçamento de 2014 e o de 2019 é superior a 200 milhões de reais”, o que demonstra o declínio constante e a destruição das universidades públicas por meio do corte de gastos. (CANOFRE et al, 2019)

A extensão universitária, portanto, se viu diante do desafio de manter sua atuação nos territórios, mesmo em situação de isolamento. A modalidade Ensino Remoto Emergencial (ERE) adotada pela UFMG está sendo implantada como uma alternativa para as atividades de ensino. Trata-se de adaptar as atividades presenciais ao modelo remoto, de maneira a não se perder o vínculo com essas atividades e garantir o prosseguimento do processo de conhecimento, ainda que com perdas em relação ao modo presencial. Partindo desse entendimento, a extensão no modo remoto também passou a ser considerada em caráter emergencial, pois tornou-se essencial manter os vínculos entre a sociedade civil e a universidade, sobretudo nesse momento de crise.

Por outro lado, o isolamento era condição também no sentido de se preservar a saúde dessas comunidades. A equipe do projeto de extensão Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana, em conversa com os parceiros, reforçou a necessidade de se manter o distanciamento, uma vez que as comunidades envolvidas contam com boa parte de sua população incluídas no grupo de risco, especialmente idosos, conforme relatado a seguir:

“[...] Importante pra começar, dizer um pouco sobre como que tem sido né, esse momento de pandemia aqui no contexto do território. A gente enaltece bastante os cuidados com essa questão do turismo e presentindo pra tudo que tá acontecendo nesse momento que todos estejam atentos aí pra pensar melhor o resguardo das pessoas né, **nesse momento aqui a gente tem uma comunidade bem idosa né, maioria na faixa de risco**, então tamo prezando bastante por essa atenção né, na diminuição da circulação e nesse cuidado né, que a gente espera que seja momentâneo né, apesar da imprevisibilidade do momento. Então ‘tamo’ nessa via de mão dupla né, muito importante o turismo, imprescindível, mas entender que o momento agora é realmente diminuir e que pare um pouco pra proteger esse lugar e essas pessoas que são muito importantes nessa luta.” (Participante 3, relato retirado da transcrição. Destaque nosso).

A orientação mais correta segundo os próprios moradores é evitar o contato social “então pedir[...] cuidado com essas comunidades que tão aí não só aqui né, no Gandarela, mas nessas áreas que a gente fica, principalmente quem tá na cidade né, querendo dar uma fugida, mas é importante prezar pelo cuidado e pela saúde deles” (Participante 4, relato retirado da transcrição).

Nesse sentido, pensou-se como alternativa para a continuação das atividades uma forma de 'extensão remota emergencial', ou seja, um 'encontro' que pudesse superar o distanciamento, sem, contudo, colocar os participantes em risco. Alinhados a esse entendimento, no dia 11/06/20, que seria o primeiro dia da Travessia da Serra do Gandarela, realizou-se um evento online que contou com a participação de cerca de 75 pessoas, dentre elas, estudantes, apoiadores e parceiros das comunidades locais. Esse evento remoto foi essencial para se discutir o andamento dos trabalhos, bem como a situação das comunidades em meio à pandemia.

**DIÁLOGOS METROPOLITANOS:  
TRAVESSIA DO PARQUE NACIONAL SERRA DO  
GANDARELA 2020 (ON-LINE)**



Essa semana estaríamos juntos em mais uma travessia pelo Gandarela. Esse ano, porém, a travessia será dentro de nós mesmos, parafraseando Guimarães Rosa.

Mesmo separados, a vontade de estar juntos permanece, por isso gostaríamos de propor um grande (e virtual) encontro, vamos?

Serão dois dias, o primeiro nesta quinta-feira (11/06) por meio de uma videoconferência pela plataforma Jitsi e o segundo na sexta-feira (12/06) por meio de uma live no Instagram.

**Quinta  
Dia 11/06**  
(via Jitsi)

**18h: A pré-travessia**  
Trocas de experiências dos caminhantes de 2019

**19h: Atravessar**  
UFMG  
Camping Gandarela  
Casa de Gentil  
Coletivo MujiQue  
ICMBio

Acesso por meio do formulário

Abertura do documentário "As Iracemas", de Xande Pires disponível pelo Jitsi

**Sexta  
Dia 12/06**  
(via Instagram)

**20h: As Iracemas**  
Papo com o diretor Xande Pires

Live pelo instagram @casadegentil

Camping Gandarela  
ICMBio  
Casa de Gentil  
M J Q  
PERMACIDADE  
UFMG

**Figura 7** – Flyer de divulgação da Travessia do PNSG online;

**Fonte:** Beatriz Bartholo e Maria Isabel Tamião, 2020.

O evento contou com a participação ativa tanto da comunidade acadêmica quanto da comunidade local e, mesmo à distância, permitiu uma aproximação entre as partes envolvidas, além de fortalecer a rede de apoio e a elaboração de planos para a extensão em meio à pandemia.

A partir do evento foram sugeridas, por alguns presentes, alternativas que superassem o isolamento e garantissem a continuidade das atividades. Uma das propostas foi registrar a memória local (da região da Serra do Gandarela) a partir de depoimentos gravados com moradores mais antigos, a fim de garantir a permanência da história e o reforço da identidade locais. Esses registros seriam feitos pelos próprios moradores com seus núcleos familiares, ou seja, sem exposição ou rompimento do isolamento social, a partir de celulares e seria editado pela comunidade acadêmica e inserido em plataformas de fácil acesso pela Sociedade Civil.

[...] É legal também pegar um relato dos moradores da cidade [...], eu vejo muita história legal dos meus avós, dos meus pais relacionado à questão de visitar a Serra do Gandarela [...] história de participar da comunidade também, não como morador, mas saindo da cidade e indo visitar. E daí como foi mudando ao longo do tempo, né.” (Participante 5, relato retirado da transcrição).

A ideia foi muito bem aceita pelo grupo, com manifestações de interesse por parte de vários moradores: “[...] a gente pensa o que que a gente tem pernas nesse momento pra fazer, de repente a coleta mesmo, algumas depoimentos aqui da nossa cidade [...]” (Participante 6, relato retirado da transcrição).

[...] é muito importante que a gente tenha cada vez mais gente disposta a pesquisar quais foram as populações tradicionais, indígenas originárias que habitaram esse território, para de alguma maneira contribuir pro resgate dessas identidades culturais que também estão sendo perdidas, esvaziadas, pela sedução da mineração, e que acaba tirando das pessoas a confiança de que esse território é delas, e facilita ainda mais nessa ideia de homogeneizar a identidade, todo mundo é urbano e de preferência pobre, e de na verdade o que a gente precisa mesmo é que fique cada vez mais fortalecido toda essa preciosidade que é a identidade cultural das pessoas que tão nesse território.” (Participante 3, relato retirado da transcrição)

Ainda em relação à história local, foi sugerida a criação de *podcasts* por meio de plataformas de *streaming*, o que permite tanto o registro quanto a ampla divulgação dessas informações. Além da perspectiva dos moradores, sugeriu-se também concentrar em plataformas acessíveis os projetos em curso na região, os movimentos sociais atuantes, as atividades acadêmicas, de modo a divulgar a região e despertar o interesse do público no sentido de conhecer o PNSG e adjacências. Isso poderia contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da área, como colocado por um participante do evento:

[...] Quem sabe criar um canal de *podcast* com histórias do Gandarela, e aí contando essas histórias que ficam salvas nesses áudios que você deu a ideia de ser dos moradores, mas também do movimento, também da disciplina e de pessoas que já visitaram o Gandarela. Por que o turismo é movido no boca-a-boca, então as pessoas têm vontade de ir onde as outras pessoas contam como é que foi, né? E isso que cês tão fazendo hoje, é causar também o desejo em outras pessoas de proteger e visitar. Então acho que um canal de *podcast* ia ser bem legal [...]” (Participante 7, relato retirado da transcrição)

Enquanto o desejo de estar fisicamente no local ainda não for seguro, uma outra possibilidade levantada foi de se realizar visitas virtuais à região, a partir de vídeos e registros já acumulados por visitantes ou elaborados pelos próprios moradores: “é, e a gente pode fazer uma caminhada aqui também pela comunidade né, pra vocês estarem aqui pelos próximos dias para vocês conhecerem, pra quem não conhece.” (Participante 4, relato retirado da transcrição). E, em resposta, outro participante acrescenta: “Sim, sim, farei um experimento aqui nas Cândidas, um passeio virtual apresentando pra vocês.” (Participante 8, relato retirado da transcrição).

Ainda que seja uma experiência limitada se comparada à vivência *in loco*, a visita remota é uma maneira de se manter os vínculos com a área e com os parceiros locais:

[...]Lógico que isso não é a mesma coisa que caminhar, que sentir o ar, a paisagem, o contato com o chão, tudo isso. Mas, em tempos que se isso demorar mais tempo e igual for possível fazer, com a tecnologia que já existe, a quantidade de acervos de fotografias, tá aí o Robson que caminha, tá aí o Glauco, tem o Paulo Baptista, tem muitas pessoas que têm... De repente construir um passeio, uma caminhada virtual por alguma trilha que seja possível fazer com fotos, juntando o mapa e mostrando por onde estamos andando... Olha, nesse lugar, é isso que se avista do Gandarela. Por exemplo, quando a gente tá passando ali em Cândidas, de manhã cedo e tem aquela questão das nuvens que ficam paradas ali do outro lado da Serra... Então tem muito acervo fotográfico. Se juntar isso com o mapa e mostrando onde se tá, onde é que é a trilha... Quem sabe a criatividade coletiva de tantos jovens aqui presentes não conseguem fazer uma travessia virtual do Gandarela enquanto não se pode fazer com o próprio corpo? [...] (Participante 9, relato retirado da transcrição)

Após a realização do evento os organizadores solicitaram aos participantes que fizessem uma avaliação de caráter anônimo, com a finalidade de colher mais relatos e experiências em relação à região. Como apenas 45 pessoas fizeram inscrição de um total de 75 pessoas que participaram do evento<sup>16</sup>, foi possível enviar o formulário de avaliação somente àqueles que efetivamente se inscreveram. O total de respostas ao formulário foi de 10% dos presentes. Das 8 avaliações, sete tinham participado da Travessia em 2019, e foi unânime entre eles o sentimento positivo de “reencontro” que o evento, ainda que online, proporcionou. A única pessoa que não participou da Travessia e respondeu o formulário alegou que gostou de ter tido a oportunidade de participar e apresentou interesse em continuar.

Duas pessoas destacaram algumas dificuldades das reuniões *online*, tal como a necessidade de manter as câmeras desligadas para não sobrecarregar a rede, mas ainda assim consideraram o evento como uma experiência positiva: “eventos assim nos permitem lembrar que, ainda que distantes, continuamos juntos em muitos propósitos e que as dificuldades não devem nos impedir de dar continuidade às discussões, por mais que muitas ações tenham que ser adiadas”. Outro relato defendeu a importância da extensão: “as propostas que saíram, a motivação e vontade de fazer acontecer mesmo que em isolamento, acho que me faz acreditar mais ainda na extensão”.

Quando questionados sobre a possibilidade de uma extensão remota em razão da pandemia, das oito respostas duas disseram ser insubstituível a experiência presencial e as demais defenderam como algo possível no momento atual: “o evento abriu um precedente, mostrando que é possível adaptar atividades de extensão à realidade que estamos vivendo. Foi um primeiro passo de uma travessia”.

---

<sup>16</sup> Esse número foi uma surpresa muito positiva, pois o evento teve apenas dois dias para divulgação e foi online.

Por fim, foi solicitado que falassem um pouco sobre o que o evento acrescentou para a experiência pessoal, no geral, os participantes destacaram a oportunidade do reencontro e de reviver as memórias: “trouxe um alívio por ver que estão todos bem, e que continua havendo uma vontade em comum, que é a de continuar a fazer travessias mesmo que de outras formas possíveis para o momento. O evento reacendeu vontades adormecidas, fez o corpo lembrar sensações vividas”.

Embora o evento não tenha se constituído como conteúdo da disciplina, uma vez que as atividades estavam suspensas na ocasião, ele serviu como oportunidade para se pensar novas possibilidades para a extensão diante do atual cenário da pandemia e delinear uma nova direção para o projeto.

## **5. CAMINHOS POSSÍVEIS**

Como já mencionado, o compartilhamento de conhecimentos e de ações é o elemento fundamental da prática extensionista, que ocorre de forma mais intensa quando são estabelecidos vínculos entre a comunidade acadêmica e a sociedade civil. Assim, mesmo no contexto de distanciamento social é preciso garantir a preservação e continuidade dessas relações, especialmente diante da aumento em potencial das vulnerabilidades de várias comunidades em decorrência da pandemia do COVID-19.

Para isso, faz-se necessário reinventar as estratégias de aproximação e troca com os agentes parceiros, a partir de alternativas temporárias e emergenciais. No caso do projeto de extensão em estudo, a disciplina associada ao projeto foi adaptada para o modo remoto, por meio de seminários virtuais que contassem com a presença de agentes locais. Os seminários incluem moradores, representantes de movimentos sociais e de instituições públicas da região da Serra do Gandarela, além de pesquisadores, alunos e professores da UFMG, simulando uma “visita virtual” que tem como propósito subsidiar as propostas desenvolvidas pelos alunos ao longo do semestre para os territórios de Raposos, Morro Vermelho e André do Mato Dentro, a mesma área de foco da disciplina delimitada antes da pandemia. Ainda que limitados no que tange à complexidade do conhecimento proporcionado pela vivência em campo, os encontros remotos são uma possibilidade de conexão durante a quarentena mesmo com algumas dificuldades no que diz respeito ao acesso à internet ou eventuais ocorrências que dificultem o contato síncrono.

Uma outra importante alternativa para a continuidade das atividades é a ampliação dos canais de discussão em torno da temática do projeto de extensão, de maneira a incentivar a

articulação de uma rede de pessoas com o território em questão. Um exemplo disso foi a participação da professora coordenadora e da bolsista do projeto no *podcast* “Diálogos Travessias: Gandarela” (DIÁLOGOS TRAVESSIAS: GANDARELA, 2020), parte das atividades vinculadas à exposição fotográfica virtual “Travessias” do Instituto de Geociências da UFMG. Nesse episódio, que reuniu alguns parceiros do projeto, frisou-se a importância da região da Serra do Gandarela, assim como a necessidade de proteção da área, especialmente durante o período de pandemia.

É, portanto, necessário que se abra o debate em torno da discussão de métodos alternativos emergenciais para as práticas extensionistas, uma vez que a possibilidade de restabelecer os contatos presenciais é ainda remota. Cabe também o aprofundamento dessas metodologias de modo a garantir as relações firmadas a partir desse importante trabalho desenvolvido entre a Universidade e a Sociedade Civil. Vale destacar que por melhor que sejam essas ações remotas, a experiência dos encontros presenciais é insubstituível. A permanência nos locais - imersões - demonstrou ser uma potente forma de criação de vínculos efetivos e de proporcionar a compreensão da realidade local, além de oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal para todos os envolvidos e, portanto, não pode ser substituída. As atividades extensionistas remotas são, assim, uma medida de caráter temporário, impulsionadas por condições extremas e inéditas, mas que podem ser incorporadas à prática extensionista como apoio às atividades presenciais.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **DECRETO Nº 17.298, DE 17 DE MARÇO DE 2020**. Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento e contingenciamento, no âmbito do Poder Executivo, da epidemia de doença infecciosa viral respiratória causada pelo agente Coronavírus – COVID-19. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1226966>>. Acesso em: 20/07/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018**. Estabelece as diretrizes para a extensão da Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014 -2024 e dá outras providências.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto s/no , de 13 de outubro de 2014**. Cria o Parque Nacional da Serra do Gandarela, localizado nos Municípios de Nova Lima, Raposos, Caeté, Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto, Itabirito e Rio Acima, Estado de Minas Gerais. 2014. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Dsn/Dsn14013.htm](https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Dsn/Dsn14013.htm) Acesso em: 09 jul 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe que o ensino superior no Brasil

obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Brasil, 1931. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 15 de Jul. 2020.

BRASIL. MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Proposta de Criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela**. Brasília: MMA/ICMBio, 2010.

CANOFRE, Fernanda; ROSATI, César; SPERB, Paula. **Com corte nas federais, salas de aula ficam sem luz e restaurante perde bife**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/com-corte-nas-federais-salas-de-aula-ficam-sem-luz-e-restaurante-perde-bife.shtml>>. Acesso em: 19/07/2020.

CONFERENCE PERMANENTE DU BASSIN MINIER - CPBM. *Le Livre Blanc: Acte II*. 100 propositions pour accompagner la mutation du Bassin minier. Décembre 2013. Mission Bassin Minier Nord Pas de Calais.

DIÁLOGOS TRAVESSIAS: GANDARELA. Entrevistadoras: Beatriz Bartholo e Lucas Lobato. Entrevistadas: Junia Ferrari, Maria Tereza Corujo, Paulo Baptista e Tarsício Nunes. [S.I.]: Belo Horizonte, 7 de agosto de 2020. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4W7e6cqjIrLegqLp5L5eMc?si=r9rZKHKRQQiiYp5BAkuATQ>>. Acesso em: 7 de agosto de 2020.

FORPROEX- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, Brasil: Autores, 2012.

FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987, Brasília. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>> Acesso em: 28 jul 2020.I

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIEDMANN, J. **Planning in the public domain: from knowledge to action**. Princeton, 1991.

GUDYNAS, E. **Transições Pós-Extrativistas: Superando o desenvolvimentismo e a exploração da natureza**. Rio de Janeiro: IBASE, 2013

KOCHHANN, Andréa. **Formação docente e extensão universitária: tessituras entre concepções, sentidos e construções**. Tese de Doutorado (UNB). Brasília, DF, 2019. 548 p.

KOCHHANN, Andréa. **A extensão universitária no Brasil: compreendendo sua historicidade**. Anais da VI Semana de Integração. Inhumas: UEG, 2017, p. 546-557.

LAMOUNIER, W. M. **Patrimônio natural da Serra do Gandarela e seu entorno: análise ambiental como subsídio para a criação de unidades de conservação no Quadrilátero Ferrífero – Minas Gerais**. Dissertação (UFMG), 148 p. 2009.

LAMOUNIER, W. L.; CARVALHO, V. L. M.; SALGADO, A. A. R. **Serra do Gandarela: Possibilidades de ampliação das unidades de conservação no Quadrilátero Ferrífero - MG**. Revista do Departamento de Geografia - USP, v. 22, n. 2011, p. 171-192, 2011

LIMA, Junia M. F.; SOSA, Florencia M.; GREGO, Luísa L. **Ensenar a planificar el territorio vivenciando el territorio. La experiencia del taller multidisciplinar: “formação de extensão universitária: práticas de cidadania metropolitana”**. VIII Encuentro de Docentes e Investigadores en Historia del Diseño, la Arquitectura y la Ciudad. Córdoba, 2018.

LIMA, Junia M. F.; RIERA, Hernan E.; ZANATTA, Lucas Y. A. **A extensão em construção: uma experiência de 'imersão' em Raposos/MG**. Anais XVIII ENANPUR 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienganpur/anais>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

LIMA, Junia M. F.; FILHO, Clarice F.; SANTANA, Maria I. T.; SOALHEIRO, Maria M. O extrativismo e os “efeitos derrame de risco” no Município de Raposos - MG. **Revista de Ciências do Estado**. Belo Horizonte: v. 5, n. 1, e16073, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e16073/16446>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

MAIZATTO, J. R. **Análise bioestratigráfica, paleoecológica e sedimentológica das bacias terciárias do Gandarela e Fonseca - Quadrilátero Ferrífero - Minas Gerais, com base nos aspectos palinológicos e sedimentares**. 2001, 333 f. Tese (Doutorado em Evolução Crustal e Recursos Naturais) – Departamento de Geologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

MENDONÇA, M. P.; LINS, L. V. (Orgs.). **Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas de Extinção da Flora de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas/ Fundação Zoológica de Belo Horizonte. 2000. 47 p.

MIGUENS JR. Sérgio Augusto Quevedo e CELESTE, Roger Keller. **A extensão universitária**. 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/253645827\\_A\\_EXTENSAO\\_UNIVERSITARIA\\_-\\_Capitulo\\_de\\_Livro](https://www.researchgate.net/publication/253645827_A_EXTENSAO_UNIVERSITARIA_-_Capitulo_de_Livro)> Acesso em 19 de Jul. 2020.

OLIVEIRA, Regiane. **Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil**. El País. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618\\_348570.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618_348570.html)>. Acesso em 19/07/20

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Plano Metropolitano – Macrozoneamento RMBH**. Produto 4: Definição das Zonas de interesse Metropolitano. Belo Horizonte, set. 2014(b).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Gabinete da Reitoria. **Nota à Comunidade Acadêmica da UFMG.** Disponível em : <[https://ufmg.br/storage/4/6/1/d/461db17bf8afee009491edffb00e026c\\_15845400742751\\_1836660918.pdf](https://ufmg.br/storage/4/6/1/d/461db17bf8afee009491edffb00e026c_15845400742751_1836660918.pdf)>. Acesso em 20/07/2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PDDI-RMBH.** Produto 6 – Relatório Final – Definição das Propostas de Políticas Setoriais, Projetos e Investimentos Prioritários. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

---

Data do envio: 29 de julho de 2020

Data do aceite: 16 de agosto de 2020

Data da publicação em ahead of print: 17 de setembro de 2020

Como citar:

FERRARI, Junia Maria Lima; BARTHOLO, Beatriz Ribeiro; SANTANA, Maria Isabel Teresa; COELHO, Helena Carvalho. Desafios e possibilidades da extensão universitária diante do COVID-19: análise do projeto “Construindo Lugares de Urbanidade Metropolitana. **Revista Científica Foz**, São Mateus, Espírito Santo, v.3 n.1, p. 152-175, jan./jul. 2020. ISSN 2594-8849. Disponível em: <https://revista.ivc.br/index.php/revistafoz/article/view/177/80>. Acesso em: \_\_\_\_\_